

700 848

Biblioteca - Unemat - PLA



00013993

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 13993
Data 19 / 08 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

CONSTRUÇÃO DO LEITOR

Maristela da Silva Ribeiro

Pontes e Lacerda - MT

2008

Maristela da Silva Ribeiro

028
R484C
ex.01

Maristela da Silva Ribeiro

CONSTRUÇÃO DO LEITOR

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Professora. Dra. Rosely A. Romanelli

Pontes e Lacerda – MT

2008

Este ensaio monográfico foi apresentado e definido perante a seguinte banca examinadora:

Rosely A. Romaneli

Local e data da aprovação:

Dedico este ensaio monográfico aos meus familiares, amigos e professores pelo apoio e compreensão a mim dispensados para que este meu objetivo de vida rumo ao conhecimento efetivamente se realizasse.

Agradeço a Deus, primeiramente, a todos os professores com os quais tive uma experiência intensamente significativa pelo conhecimento transmitido, em especial à minha orientadora Rosely A. Romanelli pela atenção dedicada a mim e ao meu trabalho de conclusão de curso. Agradeço ainda, à Unemat, e a todas as pessoas que direta e indiretamente se fizeram presentes durante esse percurso, ora angustiante, ora instigante, que enfim surtiu em mim o efeito de uma memorável e maravilhosa realização.

“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas, os livros só mudam as pessoas”. MÁRIO QUINTANA.

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
APRESENTAÇÃO.....	09
O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA.....	11
ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA ESCOLA.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
ANEXOS.....	31

RESUMO

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, por isso deve ser valorizada e explorada no decorrer do processo para a construção do conhecimento da criança. Considerando que a aprendizagem se solidifica mediante a interação consciente entre quem lê e quem ouve em determinado momento situacional, torna-se, então, necessário um ensino atrativo que motive a criança à aprendizagem coletiva e individual. Dessa forma este ensaio monográfico, titulado de “Um olhar sobre a construção do sujeito-leitor” refere-se à leitura praticada em sala de aula para o desenvolvimento dos saberes, relacionando-a valorização do uso da biblioteca escolar como incentivo ao ato de ler consciente e participativo. Para a construção desse estudo escolhemos duas escolas estaduais pertencentes ao município de Pontes e Lacerda com o intuito de analisarmos qual postura os educadores de Língua Portuguesa têm adotado referente ao ensino da leitura em seu processo teórico e prático. Como metodologia de pesquisa em campo aplicou-se um questionário de quinze perguntas para três educadores do Ensino Fundamental, classificados como professores A, B e C. Através da análise deste material verificamos que os professores buscam a leitura compreensiva e crítica e visam um ensino democrático, voltado à construção coerente do conhecimento. Porém, observamos que os profissionais devem rever a prática pedagógica referente à utilização das leituras infantis, pois demonstram em algumas respostas limitação à utilização dos gêneros textuais e a falta de valorização do uso da biblioteca escolar. Para o desenvolvimento do ensino da leitura é fundamental que educadores e bibliotecários trabalhem em conjunto, através de projetos produtivos, objetivando a partir da alfabetização a formação de leitores críticos e transformadores do contexto social em que estão inseridos.

Palavras-chaves: aprendizagem, construção do conhecimento, leitura, biblioteca escolar, educadores.

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa sobre leitura surgiu a partir do momento em que comecei a trabalhar na biblioteca da Escola Vale do Guaporé, espaço onde detectei que há dificuldades explícitas para a formação de verdadeiros leitores, capazes de ler nas entrelinhas e interpretar o texto como meio de interação humana em seu desenvolvimento contextualizado, tendo como consequência o desinteresse de alguns alunos em desenvolver o ato de ler com coerência.

Mediante a análise sobre a prática de leitura em sala de aula realizada com determinados educadores e relacionada à experiência na biblioteca escolar, este trabalho monográfico enfatiza os principais problemas que norteiam o ato de ler e busca uma reflexão sobre as metodologias utilizadas no decorrer das aulas de Língua Portuguesa objetivando apresentar melhorias em seu processo de construção.

A biblioteca da escola citada desenvolve atualmente um projeto de leitura nas séries iniciais que visa trabalhar as dificuldades do aluno e motivá-lo a ler com prazer e criatividade. Essa etapa da aprendizagem é um momento propício às leituras dos clássicos infantis e livros afins. As leituras trabalhadas ocorrem da seguinte forma: Em certo momento as histórias são lidas de forma teatral, tornando-se atrativas aos alunos; em outro, são realizadas pelos próprios alunos, consequência do processo de contar e recontar histórias adequadas à faixa etária dos mesmos.

Nesse contexto existem, também, alunos que ainda não são alfabetizados, porém são assíduos freqüentadores da biblioteca e mostram-se interessados pelo projeto. De forma geral são capazes de realizar a leitura da linguagem não-verbal dos clássicos infantis que antecedem o texto decodificado, pois interpretam a imagem com coerência e expressividade adequada à manifestação do pensamento. Logo, há diferentes formas de linguagem que despertam o senso de interpretação, criatividade e criticidade conforme os diversos sentidos manifestados pelo texto lido em determinado contexto situacional.

Há enfoque explícito para a importância da biblioteca enquanto espaço primordial à formação de leitores críticos e participativos para a construção do próprio conhecimento. Sendo assim, a biblioteca deve ser vista pela comunidade escolar como um âmbito fundamental para socializar saberes, descobrir novos conhecimentos, garantir a interação humana no universo da leitura compreensiva e na formação de cidadãos capazes de interferir no meio social em que estão inseridos.

A teoria abordada foi baseada em autores que priorizam o ato de ler como essencial à construção produtiva da aprendizagem, tais como: Paulo Freire, Ingidore Villaza Koch.

O trabalho monográfico apresenta-se dividido em duas partes essenciais à compreensão do assunto abordado. A primeira ressalta a parte teórica sobre leitura que enfatiza conceitos, metodologias, tipos de leitores, o porquê da falta de valorização de algumas escolas com o uso da biblioteca escolar e como atrair os alunos para desenvolver o hábito de ler livros variados. A segunda parte apresenta a visão de alguns educadores sobre a importância e significação da leitura como fator fundamental para a aquisição do conhecimento. E, principalmente, qual metodologia utiliza para trabalhar a leitura com os alunos de maneira a motivá-los à participação. Baseando-se nas respostas há visibilidade de alguns fatores que impedem ou dificultam o interesse pela leitura e sugestões metodológicas que podem possibilitar o surgimento do sujeito-leitor, proporcionando, portanto, o entendimento consciente entre a relação do leitor, texto e autor para a significação coerente de leituras diversificadas e coletivas.

Está explícito no decorrer da pesquisa que o ensino democrático, atrativo e mediador caracteriza leitores que buscam perceber diferentes sentidos textuais e valorizam as diferentes leituras, desde da leitura de mundo, manifestada por conhecimento prévios do leitor, até a científica, revelada por estruturas e conhecimentos determinados. O leitor, portanto, é aquele que interage com o texto e busca mediante observações, interpretá-lo em sua totalidade significativa. Os autores trabalhados foram: Bertalot, Brandão, Cagliari, Freire, Silva e Koch.

O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA LEITURA

Conforme Bertalot (1995), a alfabetização é um processo contínuo de aquisição do conhecimento que não se perpetua apenas no ato da leitura e da escrita, mas na caracterização da formação crítica e consciente do indivíduo sobre o mundo em que vivemos. É nesse momento que o educando assimila o conhecimento em coletividade, transmitindo e absorvendo idéias que contribuirão para a formação do sujeito-leitor em diferentes contextos situacionais.

Em sua teoria, Bertalot (1995) afirma que é importante trabalhar com histórias como meio pedagógico no processo da aprendizagem, pois as histórias do mundo da fantasia, do popular folclórico, dos contos de fadas, das lendas e das fábulas formam o caráter, a imaginação e a confiança da criança em todo o seu desenvolvimento escolar. Por isso, ler e ouvir histórias representa um exercício de construção do saber espontâneo e prazeroso em vários momentos de interação coletiva.

Bertalot (1995) considera que a criança, em seu processo de alfabetização necessita absorver em seu conhecimento imagens que retratam a realidade, personagens com defeitos e qualidades que mostram ações variadas e intensificam a imagem real do ser humano em seu cotidiano, e não numa caricatura indefinida. Para isso é importante utilizarmos imagens que usamos diariamente, o contato direto verbal entre os seres mediante o relato dos acontecimentos motiva a criança a desenvolver sua fantasia enquanto leitor desse contexto, estimulando-a a linguagem imaginativa, impulsiva e desafiadora.

É contando e recontando histórias que se trabalha a estrutura Lingüística e pensante, pois cada história, assim como todo pensamento estruturado, consta sempre de um começo, meio e fim. A linguagem pictórica, plena de conteúdo, alimenta a alma infantil e, como todo o alimento, deve ser digerido e metabolizado. Quando, a criança nesta idade, envolve-se de corpo e alma no relato dessas grandiosas imagens, alegrando-se e entristecendo-se, ela é toda participante. (BERTALOT, 1995, p. 13.)

É fundamental que as leituras das narrativas despertem a imaginação da criança, motivando-a a interpretação criativa do texto com objetividade peculiar à sua visão de mundo. O processo imaginário configura-se conforme as imagens “mentalizadas” no

ato de ouvir a articulação motivadora das palavras e frases que caracterizam o texto com um todo significativo. A leitura, nesse momento, torna-se responsável pela aquisição do aprendizado, de forma prazerosa e interativa, entre imagens, sons, conceitos, ações e personalidades que relacionam a ficção com a realidade e a linguagem e conseqüentemente desenvolvem os aspectos emocionais e cognitivos da criança.

Ao atentarmos para o processo da alfabetização analisado por Emília Ferreiro (apud Azenha, 1994), percebe-se que a criança consegue manifestar a escrita e a leitura, antes de dominar todas as normas e convenções da língua escrita. Isso ocorre com influência do meio e se perpetua com o conhecimento empírico infantil. Dessa forma, é indispensável que o educador explore e trabalhe com o saber espontâneo da criança e conseqüentemente integre-o ao conhecimento sistemático das letras.

Freire (apud Brandão 1981) enfatiza que o processo da alfabetização se solidifica quando o método da educação é construído com base na idéia do diálogo entre educador e educando, ou seja, quando o ensino é visto como um ato coletivo e solidário pela busca do aprendizado. Nesse sentido observamos que o processo da alfabetização se constrói mediante a troca de informações, a liberdade de expressão do pensamento e a relação democrática entre quem ensina e quem aprende com coerência e determinação. Esse método de alfabetização deve ser flexível de acordo com a real necessidade do aluno e buscar para o seu êxito um trabalho inovador e participativo entre todas as culturas existentes no mundo interior e exterior da sala de aula.

A importância da releitura do mundo torna-se explícita no método de Freire, pois há ênfase à formação do “círculo de cultura”, que se resume à idéia de substituir a expressão “turma de alunos”. O termo “círculo” é utilizado, porque todos estão reunidos dessa forma, num momento de diálogo em que todos ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Esse método prioriza o senso de equipe e colaboração entre os participantes do grupo e incentiva o desenvolvimento da comunicação oral.

A expressão “de cultura” enfatiza modos inovadores, solidários e expressivos, de pensar em coletividade. Dessa forma a aprendizagem será produzida gradativamente, de palavra em palavra, conforme a valorização e o conhecimento das diferentes culturas existentes. A diversidade cultural revela homens, sujeitos, seres de histórias, palavras e pensamentos diversos que solidificam as características da existência humana em diferentes etapas do conhecimento.

Freire (apud Brandão 1940) ressalta a importância da interpretação da imagem como meio para o desenvolvimento do processo da alfabetização, visto que o recurso da ilustração já é uma forma de motivação, pois há interação imediata do observador com o desenho, relacionando-o à realidade que o cerca. A leitura da imagem é uma forma de comunicação espontânea que exige total observação do leitor pela busca do saber em diferentes momentos situacionais

Segundo Freire (1996), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, pois toda a criança tem o conhecimento de sua vivência, do seu mundo externo e interno em diferentes etapas da existência humana. Dessa forma a linguagem e a realidade interagem dinamicamente, dependendo da relação do leitor/ouvinte com o texto em seu contexto lingüístico que intensifica o ser humano em constante desenvolvimento.

Conforme Freire (1996), a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas também pelo processo transformador da prática consciente em “escrever” ou “reescrever” a realidade que nos cerca. Sendo assim, percebemos que as atitudes e anseios internalizados surgem mediante a utilização da linguagem como meio de codificação e representação do mundo real com a finalidade de aperfeiçoar a criatividade e a aprendizagem em diferentes etapas.

Educador como quem sabe, precisa reconhecer primeiro nos educandos em processo de ler mais, os sujeitos como ele deste processo e não pacientes acomodados. Segundo, reconhecer o conhecimento não é um dado, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não possui. (FREIRE, 2000:28)

No aspecto social, a importância do ato de ler implica em uma nova concepção da leitura, uma re-interpretação do sujeito-aluno, bem como o seu papel perante a sociedade. O leitor deve ver na leitura um processo de constante crescimento individual e que, conseqüentemente, vai se introduzindo na sociedade e se modificando conforme determinado contexto. É nesse momento de descoberta da palavra que a leitura vai amadurecendo, cada leitor no seu tempo, dentro de um espaço de transformação coletivo, buscando a essência do texto lido com objetividade definida.

(...) uma biblioteca popular centrada nessa linha de estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em leitura, ora que se façam verdadeiros seminários de leitura, buscando o adentra-mento crítico no texto procurando ora apreender a

sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética de que a linguagem popular é intensamente rica. (FREIRE, 1992:33).

Considerando que: a aprendizagem se solidifica mediante a interação coerente entre quem lê e quem ouve em determinado momento situacional, torna-se, então, necessário para o processo da alfabetização que haja um ambiente, como a biblioteca, adequado para diferentes práticas de leituras e que desenvolva as relações humanas com variadas histórias significativas. Nesse aspecto o momento de apreender o mundo das letras concretiza-se como uma relação de comunicação eficaz entre diferentes linguagens e interpretações que ampliarão a imaginação de cada leitor.

Na teoria de Ezequiel Theodoro da Silva (1995) um dos grandes problemas do ato de ler é a valorização, que ocorre nas escolas, da leitura mecânica, pois esta significa mera decodificação dos signos que dão forma estrutural ao texto. Consiste, fundamentalmente, na valorização excessiva dos elementos formais de reprodução textual. Limita-se, portanto, a decifrar os significados dos signos que compõem o texto. Por isso é importante uma leitura compreensiva que vise o conteúdo ideativo do discurso descrito. O leitor, nesse caso, interage com o texto e busca uma reflexão através da atribuição constante de significados às estruturas frasais.

Silva (1995), afirma que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, assim o sujeito-leitor, que a partir do seu repertório de vivências, confronta o texto literário com o intuito de construir o seu significado e chegar aos referenciais que demarcam o seu contexto, ou seja, aos referenciais de mundo pretendido pelo autor. Vê-se, portanto, que o texto faz a mediação para a comunicação ou interação entre dois contextos: o do autor e o do leitor. Dessa forma é através do texto que o autor evoca, instiga e indica referenciais que o leitor também transforma ou recria por meio de um processo de atribuição de significados.

Na visão de Ezequiel Theodoro da Silva (1995), despertar o prazer pela leitura depende do conjunto de interações e do circuito educativo em torno dos livros, logo, todas as pessoas envolvidas no processo da aprendizagem devem ter conhecimento teórico e reflexivo sobre as obras literárias que a biblioteca escolar oferece. Nesse sentido, é fundamental que todos tenham o hábito de ler, sintam prazer em fazê-lo e principalmente em transmitir o conhecimento absorvido no ato da leitura com coerência e dinamismo. Isso se consegue

mediante ao diálogo entre as pessoas que realmente apreciam a fruição das obras e buscam em coletividade descobri-las em sua essência literária.

Silva ressalta (1995:75), que o desenvolvimento da leitura depende da ação, em conjunto, dos professores e bibliotecários que devem compreender a língua como um suporte para o pensamento e que seu estudo se faz através das variações de sua utilização por usuários, tempos e espaços. A leitura deve ser considerada um processo de compreensão do mundo, das pessoas e das coisas que nele existe. Para isso é necessária uma linguagem acessível ao aluno, com livros atuais, que tratam de assuntos pertinentes a faixa etária das crianças e principalmente obras escolhidas por eles. Em cada fase a função essencial do professor e bibliotecário é atuar como testemunhas ativas, como motivadores do desenvolvimento entre o mundo da imaginação através das letras.

Para Silva (1995:77) no desenvolvimento da leitura é fundamental a valorização do uso da biblioteca escolar, pois esta deve representar um apoio ao planejamento das aulas, tornando-as dinâmicas e produtivas. Para isso cabe aos professores e bibliotecários incentivarem os alunos quanto à utilização da biblioteca para a leitura, estudo e pesquisa e conscientizá-los sobre a importância da integração com o bibliotecário para o desenvolvimento coerente das atividades.

Koch, (1998) afirma que as escolas têm privilegiado a narrativa somente no exercício da produção escrita, sem valorizar a capacidade que o aluno tem em criar ou recriar uma narrativa oralmente. A expressão oral é realmente uma característica do comportamento humano, pois ouvimos e contamos histórias desde a infância, retratamos a realidade conforme nossa experiência de vida, de forma a refletirmos os nossos sentimentos e a nossa capacidade de envolver o interlocutor conforme determinado tempo e espaço, valorizando, então, qualquer tipo de atividade atávica, ou seja, que se perpetua de geração em geração.

Segundo Cagliari (2006), a leitura apresenta características próprias entre a imagem e as letras, ambas têm vantagens e desvantagens para o texto que produzem. Pois, a escrita sem imagem, permite que cada leitor imagine um mundo fantástico, próprio para si, onde as personagens ganham formas conforme o seu desejo e sentimento. Por outro lado, as imagens em movimento reservam emoções que o texto escrito expressa muito mais francamente. Nesse caso, o ideal para a prática e compreensão do ato de ler seria poder manter a experiência da leitura dos textos escritos com a leitura das imagens.

Cagliari (2006) ressalta que a leitura oral não é feita somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas que também lêem o texto ouvindo-o. A criança começa a internalizar a leitura no momento em que escuta as histórias infantis, pois o ato de ouvir contos é uma forma de ler e de interpretar. A fala significa é uma representação espontânea da língua, ao passo que a leitura baseia-se no texto escrito, direcionado, com aspectos próprios de encadeamento de idéias definidas. Contudo, as duas atividades, foneticamente, são semelhantes em relação ao processamento da leitura, visto que ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos da imaginação.

Cagliari (2006) prioriza que, inicialmente a leitura em voz alta pode adequar-se ao dialeto próprio infantil e progressivamente passar para o dialeto-padrão. Cabe a escola valorizar a diversidade cultural manifestada em diferentes leituras. Contudo, é fundamental que o aluno saiba que uma leitura no dialeto-padrão representa prestígio perante a sociedade. Logo observamos que ensinar o que é realmente próprio da linguagem e o uso que o meio social faz dos seus mecanismos é fundamental para a formação coerente do sujeito-leitor.

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu.
(CAGLIARI, 2006:90)

Através dessa teoria, notamos que a leitura funciona como consequência da relação explícita entre a decifração e decodificação, pois esta se caracteriza como um veículo de comunicação lingüística inerente a fusão de significados e significantes. É um processo que se forma pelos elementos lingüísticos baseados na escrita e, principalmente, pela forma como o leitor analisa e percebe o mundo em que está inserido. Por isso cabe a escola respeitar as diferentes maneiras de se ler um texto, porque o leitor terá sempre a liberdade de inferir na leitura interpretações conforme as necessidades e observações do seu mundo interior naquele exato momento. Configura-se, na sua essência, como uma atividade individual que se realiza através dos mesmos mecanismos utilizados na fala, como a rapidez da expressão oral entre os falantes de uma mesma língua. Portanto, a leitura é vista como busca de informação que formará a construção do sujeito-leitor coerente.

ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA ESCOLAR

A leitura é caracterizada como um processo complexo de compreensão, por isso não tem sido trabalhada de maneira satisfatória à aprendizagem coerente do aluno. Isso ocorre devido ao excesso de sua visualização como meio da linguagem, isto é, para o estudo estrutural da língua materna dentro do seu aspecto gramatical. Por isso o ato de ler deve ser valorizado nas escolas como uma prática produtiva de sentidos à construção do conhecimento coletivo.

Para entendermos a relação entre teoria e prática da leitura em sala de aula, elaboramos quinze perguntas sobre o tema, direcionadas a três professores, do Ensino Fundamental pertencentes a duas escolas estaduais do município de Pontes e Lacerda. Cada entrevistado respondeu-as de forma individualizada, conforme as experiências vivenciadas durante o processo ensino-aprendizagem. Os questionários abordaram a visão dos educadores sobre a importância da leitura para o desenvolvimento dos saberes, relacionando-a à valorização do uso da biblioteca escolar.

Com o objetivo de entendermos a compreensão teórica sobre o assunto, iniciamos a pesquisa questionando-os sobre o que é a leitura e obtemos respostas que refletem conceitos e objetivos diferentes conforme a realidade de experiências individuais de cada entrevistado. O professor A ressalta que leitura “(...) *é não somente ler palavras, mas fazer leituras de situações. Entendemos que o processo de alfabetização e de letramento dura a vida inteira independente de condição social, para isso basta ler e querer ler (...)*”. No entanto o professor B conceitua que resume-se em “*algo primordial e que deve ser aguçado na criança desde o ventre materno*”. Porém, para o professor C é “(...) *um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, o seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe da língua*”.

A nosso ver o professor A entende leitura como um processo contínuo e social de ler o mundo. Ao utilizar a frase “*leituras de situações*”, notamos que valoriza o conhecimento de mundo da criança e percebe o desenvolvimento da leitura dentro de determinado contexto interativo entre leitor e leitura conforme a compreensão de sentidos que atribuem ao texto. Apresenta-se, pois, adepto a teoria de Freire (1996) sobre a importância da leitura de mundo para a compreensão da leitura da palavra, valorizando, então, o conhecimento da vivência em coletividade. Percebe a importância da interação entre linguagem e realidade para o desenvolvimento do ser humano e para a construção de sua própria leitura.

Notamos que o professor B prioriza a importância da motivação do hábito de ler desde a infância. Sua definição parece estar relacionada às concepções antigas que priorizam o estímulo-resposta desde o início da aprendizagem, pois enfatiza que a criança começa a aprender a ler no momento em que é estimulada e aprende a escutar leituras. É nessa fase de ouvir histórias que a criança internaliza e desenvolve a leitura como uma forma de manifestação da comunicação. Porém, observamos nesta resposta um entendimento limitado sobre o assunto, visto que o educador não explica o porquê das palavras “primordial” e “aguçada” com detalhes, parece-nos um conceito vago e único sobre leitura.

Para o professor C a leitura é um processo interativo entre texto, autor e leitor. É um momento de compreensão sobre a temática textual que visa à construção do conhecimento através de reflexões frasais, formando um todo significativo. Entendemos, então, que há valorização do leitor participativo e transformador do próprio saber, que necessita usar todos os conhecimentos de percepção para atribuir sentido ao texto lido.

A segunda pergunta realizada aos professores foi sobre a prática desenvolvida em sala de aula relacionada à leitura. As respostas revelam ações diferentes e semelhantes que caracterizam educadores que buscam melhorias no processo da aprendizagem, porém com dificuldades em executá-las com qualidade desejada. O professor A explica “(...) *É necessário (...) incentivo, devemos apresentar (...) nível sensorial que traduz o primeiro contato com o texto (...) emocional (...) interpretação subjetiva (...) racional (...) em textos narrativos (...) que busca (...) objetividade(...)*”. O professor B respondeu que utiliza “(...) *narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, instrucional, (...) diálogos, (...) jornalístico publicitários...*”. O Professor “C”: “*Eu trabalho com diversidade de texto (...)*” e na outra resposta disse apenas: “*(informar e advertir)*”.

A prática de leitura do educador “A” é baseada em estratégias, pois explora todas as possibilidades de trabalhar com a leitura, conduzindo-a a interpretação coerente entre texto e contexto. Ao utilizar a palavra “incentivo”, o entrevistado intensifica, conforme Bertalot (1995), a importância da motivação, do prazer em ler mediante a imaginação através de desenvolvimentos emocionais e objetivos. Entretanto, observamos que há valorização somente nos textos narrativos, tornando o processo da leitura limitado no que se refere aos gêneros textuais.

Por outro lado, o professor “B” explora os gêneros textuais, isto fica explícito quando afirma que trabalha com textos diferenciados. Parece-nos que este educador busca leituras

variadas com estilos de linguagens diferentes, objetivando a ampliação dos saberes. Porém, não respondeu com objetividade a pergunta realizada, pois não revela sua prática de ensino, apenas cita os tipos de textos trabalhados em sala de aula.

Numa análise minuciosa percebemos que o professor “C” não compreende com coerência a intensidade da leitura como forma de interação e comunicação, pois ao usar os verbos transitivos diretos “*informar e advertir*”, remete-nos às finalidades pré-estabelecidas sobre a importância da leitura, limitando-as. Todavia a leitura vai, além disto, é uma forma de interação humana que transmite todas as sensações, emoções desejos e, principalmente, contribui para a formação de personalidades e intensifica o senso crítico e interpretativo do sujeito-leitor em determinado contexto situacional.

A terceira e quarta pergunta realizada aos educadores foi sobre o tipo de leitura que preferem e utilizam em sala de aula. Observamos, também, o senso de criatividade e motivação dos professores no momento em que praticam a leitura com os alunos. Conforme as respostas, compreendemos a relação direta e verdadeira do aluno com determinadas leituras cotidianas na escola. O professor “A” afirma “*Utilizo leituras diferenciadas (...) trabalho com contos, histórias em quadrinhos (...) com o objetivo de incentivar os alunos a viajarem no texto, criar a imaginação e navegar no mundo mágico dos sonhos*”. O professor “B” responde “*Dramatizada, silenciosa, individual, compartilhada e articulada*”. Já o professor “C” comenta “*(...) gosto de fazer leitura de texto verbal e não-verbal /silenciosa e oral*”.

Como vimos os professores A, B e C utilizam a imagem como recurso expressivo da linguagem, explorando-a em sua função interpretativa. Ao utilizarem a linguagem verbal e não-verbal possibilitam estilos variados de leituras, facilitando aos alunos o desenvolvimento artístico, interpretativo e imaginário em diferentes proporções. Os verbos “*incentivar*”, “*viajar*”, “*criar*” e “*navegar*” utilizados pelo professor A enfatizam ações criativas e significativas que transitam no decorrer do processo da leitura. Este educador vê o texto como um meio de interagir realidade e ficção e busca através da imaginação compreendê-lo em sua essência literária. Ao utilizar a palavra “compartilhada” fica explícito que o professor B trabalha em coletividade, assimilando a leitura como forma de comunicação interativa. Sendo assim, estão inseridos às teorias de Freire e Bertalot, pois ambos valorizam o recurso criativo da imagem para a construção coletiva e individual de sentidos ao texto.

A quinta pergunta abordou se os educadores propõem atividades de leituras que levam os alunos a fazer suas descobertas e usar o raciocínio e sua fantasia /imaginação. O professor

“A” afirma “(...) *quando eles têm que recontar a história para os colegas*”. Já o professor “B” responde “*Sim, pois a leitura sem imaginação e fantasia do leitor, se torna mecânica e sem sentido*”. Por outro lado o professor “C” comenta “(...) *para que os alunos sejam e estimulados e tenham prazer no que vão fazer*”.

Parece-nos que o professor “A” enfatiza em suas aulas, como estímulo ao processo da leitura, a ação de recriar o que já foi criado, possibilitando ao aluno desenvolver o senso de criatividade e entendimento sobre determinada história. No momento em que o aluno reconta aquilo que ouviu ou leu, está inconscientemente, internalizando a relação entre realidade e ficção e conseqüentemente atribuindo sentido individual ao texto. É uma forma de interferir no encadeamento de idéias do texto original, tornando-o o centro para inúmeras interpretações e realidades diferenciadas. Em sua teoria Bertalot (1995), valoriza o ato de recontar histórias, identificando-a como trabalho estrutural lingüístico e pensante do aluno-leitor, pois todo o texto apresenta uma organização de idéias que incentiva a compreensão, aceitabilidade e a reorganização textual.

O professor “B” ressaltou um dos grandes problemas da educação: a leitura mecânica. Ezequiel Theodoro da Silva (1948) enfatiza com objetividade essa problemática, considerando-a uma leitura dispensável e prejudicial ao processo ensino-aprendizagem, pois representa uma atividade de mera decodificação dos signos que dão forma estrutural ao texto. Partido dessa concepção este educador parece valorizar, portanto, a leitura compreensiva, que interage o leitor com o texto e busca reflexão através da atribuição constante de significados. Por isso há necessidade de atividades que explorem a imaginação constante da criança, conduzindo-a ao conhecimento coerente. No entanto, devemos nos atentar que qualquer atividade torna-se mecânica quando não tem sentido, pois é a falta de objetivos definidos que as transformam em meros exercícios isolados.

No momento em que frisa com objetividade as palavras: “*estimulados*” e “*prazer*” o professor “C” se declara interagido com conceitos que vêem a finalidade da leitura como uma ação prazerosa e não como uma determinação para futuras notas. Representa um processo interativo e criativo, entre sensações e personalidades que despertam os aspectos emocionais, lingüísticos e cognitivos da criança. É com o intuito de formar leitores competentes e criativos que este educador enfatiza a importância da comunicação espontânea e motivadora entre diferentes camadas sociais no decorrer determinadas leituras.

O sexto questionamento abordou a maneira como os educadores transmitem aos seus alunos a idéia de que a leitura é importante no dia-a-dia de cada um. O professor "A" argumenta *"todas as vezes que lermos, (...) as leituras também trarão novas interpretações, porque adquirimos maturidade e isso, facilita melhor o entendimento do texto lido (...)".* Porém, o professor "B" afirma *"(...) mostrando que sem a leitura, seja ela de mundo ou formal não há como sobreviver".* Contudo o professor "C" responde *"Mostrando a realidade de acontecimentos (...) de outras pessoas que não têm leitura".*

Nessa abordagem professor "A" sustenta a idéia de que é através da prática que assimilamos o conhecimento verdadeiro. Logo, praticando a leitura o aluno aprenderá a ler com mais facilidade e conseqüentemente desenvolverá o senso crítico e a condição de refletir sobre o texto lido. Caberia, então, citarmos a teoria de Freire (1996) sobre o *"circulo de cultura"*, que resume na idéia dos alunos se reunirem em círculo para praticarem leituras e desenvolverem o ato de aprender e ensinar em coletividade. Esse método de ensino, que visa a prática como uma forma de aprendizado, possibilita o aperfeiçoamento do senso de equipe e de experiência individual para a aquisição de saberes coerentes no decorrer do processo ensino-aprendizagem.

Ao analisarmos a metodologia do professor "B" compreendemos a importância da leitura de mundo e da leitura da palavra para a assimilação do conhecimento. É através do respeito à diversidade cultural que construímos o próprio saber, pois as diferenças lingüísticas ou sociais caracterizam a comunicação oral. Conscientizar os alunos sobre a necessidade e a importância de conhecermos ou praticarmos várias leituras para o processo interativo é essencial ao entendimento de que só há comunicação quando a mensagem é transmitida e interpretada entre os falantes da mesma língua. Freire (1996) aborda que a leitura de mundo ou da palavra caracteriza a interação entre realidade e linguagem dependendo da relação entre o leitor/ouvinte com o texto. Sendo assim, haverá uma leitura consciente e transformadora entre a ação escrever ou reescrever a realidade que nos cerca, produzindo, portanto, o sujeito-leitor.

Com o objetivo de enfatizar a importância que a leitura exerce na sociedade, o professor "C" ressalta a necessidade que o aluno tem em entender a realidade sobre os problemas que a falta de leitura produz ao ser humano, visto que, o ato de ler consciente possibilita a compreensão, a transformação e a construção do próprio conhecimento em determinado contexto social. Possibilitar ao aluno ler a realidade e conseqüentemente

entendê-la representa um meio fundamental para conscientizá-lo sobre a essência da leitura como recurso da comunicação entre sujeitos sociais.

Vamos nos deter agora na sétima pergunta que aborda a opinião dos entrevistados se o professor que não tem o hábito da leitura pode formar leitores. O professor “A” responde com indignação que *“Jamais. Todo leitor consegue transmitir de forma persuasiva, para que o aluno que não tem o hábito de ler possa ler gradativamente (...)”*. Já o professor “B” responde com objetividade *“Não”*. Finalmente o professor “C” enfatiza com determinação *“Não, porque o professor precisa adquirir leitura para tão somente transmiti-la, pois o professor e o espelho do aluno”*.

Ao analisarmos as respostas dos três professores percebemos que todos entendem a formação do leitor como reflexo de quem ensina. Incentivar o hábito da leitura é um processo complexo, porém, não impossível. Cabe ao educador utilizar meios metodológicos que estimulem essa prática, entretanto, a motivação só acontecerá se o professor for um leitor assíduo e consciente do seu papel enquanto transmissor do hábito da leitura. Quando o professor “C” utiliza a metáfora *“o professor é o espelho do aluno”* torna-se explícito que o aluno vê no educador um modelo de ações, hábitos, caráter e objetivos definidos que o conduzirá por toda a sua vivência. Dessa forma os professores A, B e C têm suas idéias condizentes com a teoria de Ezequiel Theodoro da Silva (1995), ao afirmar que, todos os envolvidos no processo da educação, devem ter o hábito de ler, sintam prazer em fazê-lo e, principalmente em transmitir o conhecimento absorvido no ato da leitura com coerência e dinamismo.

A oitava pergunta foi referente aos aspectos que o professor considera importantes ao avaliar a capacidade de leitura do seu aluno. O professor “A” aborda *“(...) não só decodificar sinais, mas ler e interpretar o que leu e conseguir ir além do texto (...)”*. Por outro lado o professor “B” afirma *“O contexto histórico, econômico, político e social do aluno”*. O professor “C” responde *“Que o aluno possa narrar teorias conhecidas oralmente, que já ouviu ou leu, procurando manter a ordem cronológica dos fatos (...)”*.

Ao examinarmos a resposta do professor “A” notamos que há ênfase na formação do sujeito-leitor. Ao utilizar a expressão ir *“além do texto”* o educador valoriza o conhecimento das inferências textuais e a leitura nas entrelinhas mediante a relação do texto com o contexto situacional, relacionando a interação da realidade com o processo lingüístico. No momento em que o aluno consegue desenvolver tais habilidades, está direcionado a ser um leitor

consciente e coerente com a construção do próprio saber. Este educador parece ser responsável com a função que exerce enquanto transmissor de conhecimentos, pois não utiliza a leitura mecânica, que significa mera decodificação do signo, mas a leitura interpretativa e transformadora.

Baseando-se em outra perspectiva, o professor “B” ressalta que considera todo o contexto em que o aluno está inserido. Este educador parece valorizar como prioridade de aprendizagem a realidade vivenciada pelo leitor. Respeitar a cultura e o conhecimento internalizado do educando são fatores fundamentais para torná-lo um verdadeiro leitor. Como teoriza Freire (2000), o educador necessita conhecer primeiro o educando como sujeito em seu processo da leitura para ensiná-lo, porque o conhecimento não é algo a ser transferido de repente a quem ainda não o possui, mas representa um momento de interação e convivência entre sujeitos sociais.

O professor “C” valoriza, entretanto, a capacidade que o aluno tem em narrar histórias lidas ou ouvidas em determinado momento situacional. O simples ato de narrar seguindo idéias organizadas significa um grande avanço ao desenvolvimento da leitura, pois é uma forma de manifestar o sentido construído ou atribuído às narrativas. A importância dessa ação está fundamentada na teoria de Koch (1998) que enfatiza o ato de narrar como uma capacidade de percepção e de manifestação da expressão oral no processo da aprendizagem, característica peculiar e necessária do comportamento humano.

A nona e décima pergunta, com sentido similar, questionou-os se o educador de Língua Portuguesa deve considerar a leitura de mundo do seu aluno ou só deve considerar o conteúdo transmitido pelo professor. O professor “A” afirma *“Lógico. É o começo de todo o processo. Baseado na leitura de mundo do aluno que o professor começa a incentivar o aluno a ler. (...)”*. *“(...) o professor deve somar como conhecimento do aluno (...)”*. O professor “B” enfatiza *“Sim, pois a leitura de mundo está associada à leitura sistematizada”*. *“A leitura só de conteúdo se torna sem valor funcional”*. Finalmente o professor “C” responde *“Sim. Porque é através da leitura do mundo do aluno, que o professor dará prosseguimento a outros tipos de leituras (...)”*.

Todas as considerações apresentadas acima pelos professores A, B e C mostram uma consciência educacional desejada por todos, porém não muito praticada pela grande maioria dos educadores. Isso acontece nas escolas devido à imposição da norma culta como único meio de comunicação coerente perante a sociedade. No entanto, a leitura de mundo deve ser

vista como a base para a assimilação de outras leituras e como início à aprendizagem eficiente do aluno-leitor. Portanto, é viável lembrarmos a teoria de Freire (1996) de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Transformar teorias em práticas é um processo árduo que exige muita dedicação, por isso os professores devem privilegiar o conhecimento empírico da criança e gradativamente transformá-lo num saber científico, sem desvalorizar a linguagem infantil proveniente de determinado contexto cultural.

Com o intuito de verificarmos a relação direta dos professores com o uso da biblioteca escolar a décima primeira questão foi se os educadores consultam a biblioteca para prepararem suas aulas e se atualizarem. O professor “A” responde “(...) *não necessariamente a biblioteca da escola. Tenho meus próprios livros e busco na internet (...)*”. O professor “B” afirma objetivamente “Sim”. Depois o professor “C” enfatiza “Sim. Pois no trabalho do *Circuito Campeão* vem bastantes livros para se trabalhar com a turma”.

Ao argumentar que utiliza vários recursos de pesquisa para a preparação das aulas, o professor “A” mostra-se um verdadeiro leitor, aquele que tem o hábito de ler e busca constantemente diferentes leituras. Porém, quando utiliza a expressão negativa “*não necessariamente*”, parece-nos que não atribui à importância devida à biblioteca escolar, visto que não enfatiza o seu uso como fundamental ao processo ensino-aprendizagem. A biblioteca da escola deve ser vista como um lugar adequado à informação individual e coletiva, um espaço direcionado à inovação e descobertas e principalmente ao prazer de ler com criatividade e motivação coerente.

Embora os professores B e C revelam utilizar a biblioteca da escola, parecem demonstrar nas respostas, uma leitura limitada ou focada em livros pré-determinados, que muitas vezes não são suficientes para a atualização profissional necessária. Essa análise está explícita no momento em que o professor “C” cita somente livros do projeto “*Circuito Campeão*” e não exemplifica outras leituras como fundamentais à aquisição de conhecimentos e à preparação de aulas produtivas. Logo, teóricos como Ezequiel Theodoro da Silva, valorizam o circuito educativo dos livros da biblioteca escolar e priorizam o conhecimento teórico e reflexivo sobre os mesmos.

Para entendermos os gêneros textuais utilizados em sala de aula a décima segunda pergunta abordou se os educadores utilizam o maior número de livros de pesquisa ou livros de história/romance/poesia, etc. O professor “A” argumenta “*livros de pesquisas (...) precisamos conhecer a época e o estilo, pois a maioria tem um fundo histórico*”. Por outro lado o

professor “B” responde “*Proporcionar aos meus planejamentos e planos de aulas diários*”. Já o professor “C” afirma “*Utilizo livros de histórias narrativas e poesias de acordo com a turma*”.

Está explícito que o professor “A” valoriza o uso dos livros de pesquisa em sala de aula, pois dá ênfase na leitura histórica, como forma de compreensão para o sentido do texto. É fundamental conhecermos épocas e estilos referentes aos livros, contudo devemos estudá-los relacionando-os as narrativas literárias, observando todos os elementos narrativos a fim de facilitar o entendimento das obras. Sendo assim, para o desenvolvimento da leitura, é importante o conhecimento sobre as obras literárias, pois possibilita um aprendizado de leituras variadas e produtivas à construção do senso interpretativo do aluno-leitor.

Os professores “B” e “C” revelam um trabalho direcionado à diversidade de gêneros textuais relacionados à realidade dos alunos, pois argumentam a escolha dos livros conforme determinada turma. Entender o interesse e os estilos de leituras condizentes às necessidades dos alunos significa possibilitar um ensino atrativo que visa à aprendizagem qualitativa. Esse tipo de ensino também é enfatizado pelo professor “C” ao comentar que escolhe os livros colocando-os nos planejamentos e planos de aulas diários. Dessa forma o ato de ensinar e aprender torna-se um processo produtivo, criativo e prazeroso que intensifica a arte de construir o conhecimento democrático.

A décima terceira pergunta realizada enfatizou se os professores utilizam os livros em sala de aula com as crianças ou estas levam os livros para a casa. O professor “A” responde: “*Os professores levam livros para sala de aula*”. Já o professor “B” afirma “*As duas formas*”. Porém, o professor “C” ressalta “*(...) de histórias e poesias são lidos somente na escola, não podem ser levados para casa (...)*”.

Através das respostas, analisamos que os professores “A” e “C” trabalham com os livros somente em sala de aula e conseqüentemente não possibilitam o tempo e o espaço necessários à leitura espontânea, já que não citam o uso da biblioteca escolar. É viável ressaltarmos a teoria de Freire de que a escola deve valorizar a biblioteca e transformá-la num verdadeiro ambiente de seminários de leituras. É fato que ambiente interfere diretamente no desenvolvimento da criança, pois aprender em um lugar agradável e desejável possibilita resultados positivos e esperados no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma a criança interage com o meio, tornando-se o centro para a aquisição do conhecimento. Por isso cabe a escola proporcionar ao aluno leituras variadas sem impô-las aos espaços e tempos definidos.

Como vimos o professor “B” apresenta outra ação metodológica, visto que salienta em sua resposta que proporciona aos seus alunos leituras em sala de aula e fora, também. Analisamos que este educador ao usar a expressão *“as duas formas”* apresenta-se mais atento aos hábitos de leituras dos alunos, pois os motiva a praticá-las em diferentes ambientes, embora não cite a biblioteca escolar. Logo, é fundamental que o leitor construa seu tempo para desenvolver leituras significativas que os despertem às novas descobertas com criatividade e prazer individual e coletivo.

Com a finalidade de entendermos a visão crítica dos educadores referente ao hábito da leitura, perguntamos por que a maioria das pessoas não gosta de ler e obtemos respostas que revelam diferentes conceitos sobre as influências da leitura. O professor “A” enfatiza: *“Porque (...) não houve incentivo de leituras nas escolas, era o processo tradicional e decoreba”*. Já o professor “B” afirma *“Pelo contexto familiar, histórico, econômico, social e seu próprio comodismo”*. Depois o professor “C” responde *“Muitos por não ter acesso a bons livros que irão estimulá-los”*.

Notamos que o professor “A” enfatiza a responsabilidade da escola para o hábito da leitura. Parece ser um educador consciente do papel que a escola exerce enquanto transformadora do processo interativo entre linguagem, democracia e contexto social. Ter consciência, enquanto educador, que o ensino tradicional é prejudicial à formação do leitor participativo e crítico significa a valorização do incentivo à leitura compreensiva e inovadora. Nesse sentido a leitura mecânica realizada nas escolas, conforme Ezequiel Theodoro da Silva (1948), representa um dos grandes problemas referente a falta do hábito da leitura, pois não forma leitores críticos e reflexivos.

Visando outra perspectiva os professores “B” e “C” afirmam que a problemática de toda a realidade contextual representa a causa primordial para o desinteresse da sociedade em praticar leituras. Há entendimento sobre a importância das inferências externas para a concretização da leitura consciente e participativa. Ao utilizar o termo *“comodismo”* o professor “B” atribui a culpa, também, ao próprio indivíduo que não busca produzir a aprendizagem como forma de crescimento pessoal, tornando-se um ser passivo durante todo o processo de sua existência.

Finalmente, na décima quinta questão, solicitamos aos educadores que opinassem se a pessoa que lê bastante consegue enxergar melhor a realidade que a cerca. O professor “A” comenta *“(...) Quanto mais lemos, encontramos (...) mais conhecimentos e uma frustração de*

que (...) nada sabemos". Depois o professor "B" argumenta "Sim, pois ela terá uma visão ampla e habilidades de comunicar socialmente". Por fim, o professor "C" disserta: "Sim. Quem lê muito tem uma visão ampla dos fatos. Dessa forma pode e deve contribuir para um mundo melhor".

Torna-se explícito que os professores A, B e C analisam a leitura como um processo fundamental para a interação humana. É um meio de informação coletiva que veicula conhecimentos diversos. Através da leitura compreendemos o mundo que nos cerca e procuramos transformá-lo conforme nossas reais necessidades. Representa, portanto, a expressividade da comunicação através das letras. Por isso, a prática da leitura compreensiva é essencial para o crescimento intelectual e social em diversas etapas da vivência humana.

O resultado da pesquisa realizada com os professores caracteriza um ensino que busca a leitura crítica e compreensiva e que visa à formação de leitores conscientes e participativos do processo da aprendizagem. Porém, analisamos com este estudo, que os educadores devem rever suas práticas referentes à limitação dos livros utilizados e a forma como trabalham a leitura, pois demonstrou em algumas respostas a falta de valorização da biblioteca escolar. É fato que as escolas atuais têm um número elevado de livros que estão disponíveis na biblioteca. Cabe, contudo, aos professores e bibliotecários, através de projetos produtivos, explorarem este ambiente e torná-lo o centro de informação, imaginação e criatividade pertinentes aos alunos.

Dessa forma a estimulação do ato de ler e interpretar são fundamentais para a construção do sujeito-leitor desde o início da alfabetização. É através dos projetos de leitura, que mobilizam toda a escola, que a construção do conhecimento se constrói. Aprender em coletividade é uma forma de interação que desperta o interesse e possibilita ao leitor atribuir significados à diversidade de leituras. Portanto, a leitura é o meio mais importante para o desenvolvimento do saber de qualquer sujeito e em todos os momentos de sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura representa um processo de interação coerente entre leitor, autor e texto, relacionado a determinado contexto situacional. Representa um momento de aprendizado coletivo e individual que visa a aquisição de conhecimento com criatividade e criticidade. Através do ato de ler e interpretar as idéias se interage, construindo, então, o saber manifestado em diversas linguagens da comunicação oral e escrita e em diferentes etapas da vivência humana.

O aprendizado se constrói desde a infância, de forma espontânea e se transforma conforme os conhecimentos absorvidos pela criança no momento em que se relaciona com o mundo. É a partir dessa fase de transformação que a manifestação do pensamento surge como reflexo da personalidade infantil, tornando-se um processo criativo de interação social e cultural.

Segundo Bertalot (1995), a arte de contar histórias representa uma forma de trabalhar a estrutura lingüística e pensante da criança, pois toda a história, assim como todo o pensamento estruturado, consta sempre de um começo, meio e fim. Dessa forma a linguagem pictórica, plena de conteúdo, alimenta a alma infantil e, deve ser entendida e metabolizada como forma de construção do conhecimento. Por isso quando a criança envolve-se na leitura dessas imagens, internaliza emoções e sentimentos que confundem realidade e ficção conforme o seu processo interpretativo de construção do saber.

A leitura de imagens que retratam a vida cotidiana com personagens que demonstram defeitos, qualidades e ações de seres reais, proporcionam ao leitor mais facilidade em compreendê-la, pois despertam interesse e prazer em ouvir ou ler o texto como um meio de percepção, imaginação e interação entre a realidade e a ficção.

É fundamental nas aulas de Língua Portuguesa o uso da imagem como recurso expressivo da linguagem não-verbal, pois desperta o interesse do leitor e motiva-o à compreensão relacionada ao seu conhecimento de mundo. Esse tipo de leitura desenvolve a liberdade de expressão e busca aperfeiçoar o senso de interpretação e criatividade coletiva. O leitor, nesse momento, interage com o texto e procura através das cores e formas compreendê-lo em sua essência significativa. Logo, esse período de relação criativa com o texto é de fundamental

importância para a formação, no futuro, de um leitor participativo, capaz de ler nas entrelinhas e de construir o próprio aprendizado.

É viável ressaltarmos a teoria de Bertalot (1995), que é importante trabalhar com histórias como meio pedagógico no processo da aprendizagem, pois as narrativas do mundo da fantasia, do popular folclórico, dos contos de fadas, das lendas e das fábulas formam o caráter ,a imaginação e a confiança da criança em todo o seu desenvolvimento escolar . Logo, a ação de contar histórias e interpretá-las em coletividade propicia ao leitor-ouvinte um ensino democrático, mediador e criativo.

A prática de leitura deve envolver diferentes gêneros textuais, diversificando linguagens e interpretações em diferentes contextos. A estimulação criativa e diversificada do ato de ler é essencial para a construção do sujeito-leitor desde o início da alfabetização. Assim, é através de projetos gradativos de leituras que envolvam toda a comunidade escolar que o conhecimento se constrói e se transforma mediante as reais necessidades de cada leitor.

Compreendemos, portanto, que é dever do educador dar possibilidades à formação da personalidade coerente do leitor ao instruí-lo para a compreensão no ato da leitura. Para isso é necessário que no decorrer do processo da aprendizagem sejam desenvolvidas atividades interativas que possibilitam ao leitor construir e transformar o próprio saber com objetividade definida. Que haja exploração coletiva de vários recursos, ambientes e livros para o desenvolvimento do conhecimento consciente e participativo. Dessa forma há valorização à leitura compreensiva que caracteriza o texto como um todo significativo e forma um leitor ativo, crítico, imaginativo, consciente e desafiador em todo o processo de aquisição dos saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que e Método Paulo Freire. 1 ed. São Paulo;brasiliense.1981

BERTALOT, Leonore.Criança Querida;o dia a dia da alfabetização.São Paulo; Antroposofica.1995

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização Sem o BA, BE, BI,BO,BU.São Paulo;Sipione. 2006

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler. 32 ed. São Paulo; Cortez. 1996.

KOCH, Ingridore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. 2 ed. São Paulo. 1998.

SILVA, Ezequiel theodoro. Leitura na Escola e na Biblioteca.5 ed. Campinas-Sp. Papirus.1995.

Perguntas

- 1- O que é leitura para você?
- 2- Como você trabalha leitura em sala de aula?
- 3- Que tipo de leitura você utiliza?
- 4- Que tipo de leitura você gosta de fazer?
- 5- Nas suas aulas de leitura você propõe atividades que levam o aluno a fazer suas descobertas e usar o raciocínio e a sua fantasia/imaginação?
- 6- De que maneira você transmite para seus alunos a idéia de que a leitura é importante no dia-a-dia deles?
- 7- Em sua opinião, o professor que não é ele próprio um leitor pode formar leitores?
- 8- Quais aspectos você considera importantes ao avaliar a capacidade de leitura do seu aluno?
- 9- Você acha que o professor de Língua Portuguesa deve considerar *a leitura de mundo* de seu aluno?
- 10- Ou você acha que só se deve considerar o conteúdo transmitido pelo professor?
- 11- Você consulta a biblioteca para preparar suas aulas e se atualizar?
- 12- Você utiliza maior número de livros de pesquisa ou livros de história/romances/poesias etc.?
- 13- Os professores utilizam os livros em sala de aula com as crianças ou estas levam os livros para casa?
- 14- Em sua opinião por que a maioria das pessoas não gosta de ler?
- 15- Você acha que a pessoa que lê bastante enxerga melhor a realidade? Justifique.

① Leitura é não somente os palavras, mas:

deixar leitura de situações e entendimentos que se processam de alfabetização e de entendimento sobre a vida
vintura independente de condições sociais para isso
leste ler e quem ler "constituir conhecimentos
pessoal amando a leitura de saber mais
com curiosidade buscando sentidos mais
constituir e alcançar os dos palavras,
respostando um momento de leitura a
multiplicidade interna e a externa.

② Para se trabalhar a leitura precisa trabalhar

no caso, fundamente, e o necessário um
trabalho de interesse, devemos apresentar um
nível de leitura. O nível superior que
trabalha no primeiro contato com o texto ou
situação, já se trabalha o momento que
leia a interpretação múltipla e por último
o racional entendendo em texto narrativo
que lueza a interpretação conta a elaboração
dentro da situação ou texto lido.

③ Utilizar leituras diferenciadas procurando

identificar os gêneros.

④ Por trabalhar no Ensino Fundamental, trabalhar

com conto, histórias em quadrinhos, vídeo
outros, com a leitura de literatura os alunos
a viagem um texto, criar imaginação
e sempre no mundo mágico e dos
sonhos em um mundo que abstrai os
sentimentos como ocorre a vida

⑤ Sim. Principalmente quando eles têm que contar a história p/ os colegas.

⑥ Todas as vezes que lemos, abre um espaço predominante, as leituras também trazão novas interpretações porque adquirem mais maturidade e isso facilita um melhor entendimento do texto lido que nos proporciona novas possibilidades e novas reflexões.

⑦ Jamais. Todo leitor ^{consegue} transmitir de forma persuasiva, ^{para} que o aluno que não tem o hábito de ler, possa ler gradativamente, entendendo que o gosto pela leitura não é um passe de mágica, é um processo de muita dedicação principalmente nas séries iniciais.

⑧ A leitura é um processo amplo não só decodificar rimas, mas ler interpretar o que leu e conseguir ir além do texto, ler e interpretar diferentes tipos de leitura entre eles contos, fábulas, histórias em quadrinhos, imagens, canções, poesias, gráficos, recortes, etc.

⑨ Lógico! É o começo de todo o processo. Baseado na leitura de mundo do aluno que o professor começa a incentivar o aluno a ler. Toda conhecimento do aluno foi construído por alguém porque não incentivá-lo a buscar novas leituras?

10) Não. Porque o professor deve somar com o conhecimento do aluno, e não coarçar. Se o professor fizer essa interrupção do conhecimento do aluno, ele perde sua identidade e ao invés do professor somar ele vai é tirar todo gosto que o aluno teria de buscar novos conhecimentos.

11) Sim. não necessariamente a biblioteca da escola. Tenho meus próprios livros e busco ~~na biblioteca~~ internet novas informações.

12) Livros de pesquisas. (técnicos). Para entender histórias romanas, porias precisamos conhecer a época e o estilo, pois a maioria têm um fundo histórico.

13) Os professores levam livros para sala de aula.

14) Porque ~~há~~ por muito tempo não houve incentivo de leitura nas escolas, era o processo tradicional e decoreba.

15) Sim. Quanto mais ~~lê~~emos, encontramos novos caminhos, mais conhecimentos e uma frustração de que quanto mais lemos entendemos ainda mais que nada sabemos.

can be used as support or support.

Cooperation and support are essential for the success of the project. It is important to have a good working relationship with the team and the management. The project manager should be able to communicate effectively with the team and the management. The team should be able to work together and support each other. The management should be able to provide the necessary resources and support for the project.

It is important to have a good working relationship with the team and the management.

The project manager should be able to communicate effectively with the team and the management. The team should be able to work together and support each other. The management should be able to provide the necessary resources and support for the project.

and (control) is essential to control.

emerging issues, including administrative, financial, and human resources. It is important to have a good working relationship with the team and the management. The project manager should be able to communicate effectively with the team and the management. The team should be able to work together and support each other. The management should be able to provide the necessary resources and support for the project.

also may avoid conflict and support.

can be used as support or support.

It is important to have a good working relationship with the team and the management. The project manager should be able to communicate effectively with the team and the management. The team should be able to work together and support each other. The management should be able to provide the necessary resources and support for the project.

comparing (control) is essential to control.

is essential to control. It is important to have a good working relationship with the team and the management. The project manager should be able to communicate effectively with the team and the management. The team should be able to work together and support each other. The management should be able to provide the necessary resources and support for the project.

consider.

R. 1 - Leitura é a base para o desenvolvimento e progresso de um povo. Só através dela o homem conseguirá o pleno desenvolvimento de sua potencialidade, e então encontrará a solução para um mundo mais justo e solidário e mais ainda.

R. 11 - Leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe da língua.

R. 2 - Eu trabalho com diversidade de textos, os para quês: (informar, advertir).

R. 3-4 Eu gosto de fazer leitura ^{de textos} verbal e não verbal / silenciosa e oral.

R. 5 - Sim, para que os alunos sejam estimulados e tenham prazer no que vão fazer.

R. 6 - Mostrando a realidade de acontecimentos indesejados de outras pessoas que não têm leitura.

R. 7 - Não, porque o professor precisa adquirir leitura para não somente transmiti-la, pois o professor é o espe-

lho do aluno.

R. 8 - Que o aluno possa narra histórias conhecidas oralmente, que já ouviu ou leu, procurando manter a ordem cronológica dos fatos e o tipo de relação existente entre estes fatos.

R. 9 - Sim. Porque é através da leitura de mundo do aluno, que o professor dará prosseguimento a outros tipos de leituras, é através do conhecimento cognitivo do aluno que ajudará o desempenho do professor.

R. 10 - Não. Já respondi na resp 9.

R. 11 - Sim. Pois no trabalho do ~~Círculo~~ Circuito Campeão vem bastante livros para se trabalhar com a turma.

R. 12 - Utilizo livros de histórias ^{narrativas} e poesias de acordo a turma.

R. 13 - Olha os livros didáticos que eles tem eles levam, mas os outros de histórias e poesias são lidos somente ~~na~~ escola, não podem ser levados para casa, por motivo, que a outra turma no dia seguinte terá de usá-los.

R-14 Muitos por não ter acesso a bons livros e até mesmo livros, que irá estimulá-los, e outros por não fazer hábitos de leitura.

R-15 - Sim. Quem lê muito tem uma visão ampla dos fatos. Dessa forma, pode e deve contribuir para um mundo melhor, assim como refletir, participar e fazer parte da história e cultura de um povo.

① É algo primordial e que deve ser apegado na criança, desde o berço materno.

② Outros dos gêneros textuais: narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, injuntivo, prescrito, diálogo, semiótico, epistolar, jornalístico, e publicitário...

③ Dramatizado, silencioso, individual, comportado e articulado.

④ As mesmas da questão ②

⑤ Sim, pois a leitura tem imaginação e fantasia de ler, se torna mecânica e sem sentido.

⑥ Fazendo uso diretamente da memória e menos frando que sem a leitura, seja ela de mundo ou jornal não há como sobre viver.

⑦ Não.

⑧ O contexto histórico, econômico, político e social do aluno.

⑨ Sim, pois a leitura de mundo está associada à leitura sistematizada.

⑩ A leitura só de sentido, sem termo sem valer funcional.

(35) /Sim.

(32) Proporcionar aos meus planejamentos e planos de aulas diários.

(33) As duas formas.

(34) Fêz contato familiar, histórico, econômico, social e seu próprio cotidiano.

(35) Sim, pois ela tem uma visão ampla e habilidades de comunicar socialmente